



EXPOSIÇÃO PROCESSOS EXPERIMENTAIS EM FOTOGRAFIA

EXHIBITION EXPERIMENTAL PROCESSES IN PHOTOGRAPHY

Renata Voss Chagasⁱ
Escola de Belas Artes (UFBA)

RESUMO

Este trabalho trata da exposição “Processos Experimentais em Fotografia”, decorrente da produção dos estudantes da Escola de Belas Artes da UFBA no contexto do componente curricular homônimo ministrado por Renata Voss. Foram utilizadas técnicas alternativas da fotografia, como a cianotipia, o marrom van dyke, o papel salgado, a câmera lambe-lambe e a revelação em filme de raio-x. Cada estudante pôde desenvolver a sua poética pessoal transitando por temas como a memória, ancestralidade, arquivo e o lugar. Partimos de conceitos de Poivert e Rouillé acerca da fotografia como arte contemporânea e os resultados demonstram a ampliação das possibilidades criativas com a fotografia hoje ao revisitar procedimentos antigos.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Experimental. Processos químicos.

ABSTRACT

This work deals with the exhibition “Experimental Processes in Photography”, resulting from the production of students from the UFBA School of Fine Arts in the context of the homonymous curricular component taught by Renata Voss. Alternative photography techniques were used, such as cyanotype, van dyke brown, salt paper, the street box camera and development on radiographic film. Each student was able to develop their personal poetics, moving through themes such as memory, ancestry, archive and place. We start from Poivert and Rouillé's concepts about photography as contemporary art and the results demonstrate the expansion of creative possibilities with photography today by revisiting old procedures.

KEYWORDS

Photography. Experimental. Chemical processes.

A experimentação com a fotografia química gera fascínio ao agregar diversas etapas para revelação e transformação de uma imagem fotográfica. Num momento dominado pelas práticas com a fotografia digital, desacelerar o tempo e o olhar no ambiente do laboratório fotográfico pode direcionar a criação com a fotografia para outras possibilidades. Como propõe Sax (2017, p. 243): “O mundo digital valoriza o mundo



analogico mais do que ninguém”. Deste modo, o trânsito entre o analógico e o digital se configura como um espaço de pesquisa e criação artística rico para o campo da fotografia.

No presente texto, iremos abordar a exposição intitulada “Processos Experimentais em Fotografia”, realizada de 13 a 28 de março de 2024 na Galeria do Aluno da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. A mostra reuniu os trabalhos de estudantes de graduação decorrentes do componente curricular “EBA-A61-Processos Experimentais em Fotografia”. Participaram os artistas: Ana Vitória da Silva Pires, Beatriz Nascimento Santana Santos, Cláudia Góes, Giulia Lagrotta, Julia Vilela, Maria Gabriela Sousa, Martha Valentine, Mathias Duarte, Matheus Barros, Pedro Machado, Rafaela Feliciano.

A exposição contou também com a participação de três estudantes bolsistas dos programas institucionais que apresentaram resultados a partir de seus planos de trabalho. Julia Vilela e Giulia Lagrotta, bolsistas PIBIC (2023-2024), com o projeto “Processos fotográficos químicos e digitais na criação artística contemporânea no Brasil” apresentaram resultados de experimentações com cianotipia. Já Mathias Duarte, bolsista do Programa de Iniciação Artística (2023-2024), vinculado ao Programa Permanente de Extensão Ciclo de Fotografia, apresentou um conjunto de retratos obtidos com câmera fotográfica lambe-lambe resultantes de ações de extensão realizadas em alguns eventos, nos quais pôde fotografar pessoas e demonstrar o uso desta câmera, difundindo os modos de fazer da fotografia química.

Fotografia e criação contemporânea

Sabemos que existe uma diversidade de estratégias e abordagens na criação artística contemporânea no campo da fotografia. Sobre este assunto, aponta Poivert (2015, p. 141), “a pluralidade da fotografia contemporânea faz dela um fenômeno, não uma corrente ou um movimento, mas um momento onde a flutuação de valores da fotografia se encontra na sua amplitude máxima e sob vertentes diversas”. Interessamos refletir sobre os processos criativos que tenham como fio condutor a utilização de processos antigos da fotografia no momento atual.



Müller-Pohle (2009) aborda três estratégias de produção no campo da fotografia: a encenação do objeto, em que o fotógrafo elabora uma cena para ser fotografada, seja esta uma performance ou mesmo objetos criados para ter como sua imagem-fim a fotografia; a encenação do aparato, quando há alterações na câmera ou nos modos de captura da imagem, por exemplo na criação de uma câmera digital a partir de uma câmera de filme ou com uso da câmera *pinhole* e, por fim, a encenação da própria imagem, envolvendo a criação de colagens, intervenções digitais, a relação com objetos e também com outras linguagens artísticas como o desenho, gravura, dentre outros. É nesta última categoria que as produções da exposição “Processos Experimentais em Fotografia” se inscrevem ao investigarmos e utilizarmos os processos químicos de revelação. Na condução das práticas em laboratório que resultaram nos trabalhos quem compuseram a exposição foram adotadas diretrizes semanais em relação a técnica que seria trabalhada e cada pessoa definia a partir de sua poética pessoal quais imagens, suportes e outras intervenções que realizariam a partir das práticas laboratoriais.

Rouillé (2009, p. 287) afirma que “o principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é, necessariamente, da ordem do visível”. Sendo assim, cada pessoa participante do projeto pôde desenvolver a sua poética pessoal ao longo do semestre. Foi orientado que a cada trabalho realizado semanalmente houvesse um grande tema que conduzisse as escolhas individuais. Deste modo, algumas pessoas se apropriaram de imagens de álbuns de família, utilizaram o cotidiano como tema, trataram de espiritualidade e ancestralidade, pensaram estratégias de aplicação da técnica ao design textil, dentre outras abordagens.

Processos Experimentais em Fotografia

O componente curricular “EBA-A61-Processos Experimentais em Fotografia” compõe o novo currículo do Bacharelado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes. Durante a pandemia, pudemos ofertar algumas turmas deste componente na modalidade não presencial, realidade que direcionou as experimentações e sua viabilidade para o contexto do isolamento. Na oportunidade trabalhamos com projetos voltados para



fotoperformance, utilização de filtros, estratégias de arquivo, dentre outras diretrizes estabelecidas semanalmente.

No segundo semestre de 2023 este componente foi novamente ofertado, porém na modalidade presencial, fato que possibilitou a imersão em laboratório e a realização de alguns processos fotográficos de revelação como a cianotipia, o papel salgado, o marrom van dyke e a revelação em filmes de raio-x.

A cianotipia é um processo baseado em sais férricos – ferricianeto de potássio e citrato de ferro amoniacal - que gera imagens apenas em tons azuis e que foi desenvolvida por John Herschel em 1842. Foi com esta técnica que foram desenvolvidos as publicações da botânica Anna Atkins, que realizou diversas catalogações de espécies por meio da técnica do fotograma contribuindo para o registro e divulgação científica destas espécies.

O papel salgado consiste em um papel preparado com cloreto de sódio e sensibilizado com nitrato de prata. Conforme Chagas (2017, p. 35),

Para a realização de imagens com esse processo, é necessário aplicar, primeiro, a solução com sal no papel, esperar que ele seque; depois, em ambiente com baixa luminosidade, aplica-se a solução com nitrato de prata, e, depois de seco, o papel é exposto à luz. Para a revelação, é necessária a lavagem para retirada do excesso de reagentes químicos não expostos à luz, depois a fixação em tiosulfato de sódio e, finalmente, de novo, uma nova lavagem em água corrente para retirar o excesso do fixador.

Já o marrom van dyke é um processo de revelação que utiliza em sua fórmula o citrato de ferro amoniacal, o ácido tartárico e o nitrato de prata. Em função dos tons marrons resultantes deste processo, por volta de 1900 no Reino Unido fez-se a relação com os tons das pinturas do artista Anton van Dyck (James, 2015). Conforme Chagas (2017, p. 48),

A emulsão feita com a combinação dessas três soluções se torna sensível à luz e pode ser aplicada ao suporte. Depois de seco, o suporte é exposto à luz e, em seguida, a revelação se dá pela lavagem em água corrente, fixação em solução de tiosulfato de sódio e uma última lavagem é feita para retirar os resíduos químicos da cópia.

Por fim, a câmera lambe-lambe, tradicionais dos fotógrafos de praça e/ou jardim, possibilita a captura de fotografias e a revelação dessas imagens em seu interior, que



contém um mini laboratório com os químicos para revelação em preto e branco. Nas ações de extensão do Programa Permanente Ciclo de Fotografia temos utilizado esta câmera como forma de divulgação científica dos processos fotográficos em ambientes abertos de maneira lúdica, aproximando transeuntes que têm sua curiosidade despertada ao visualizar este artefato que remete a um tempo passado. Mathias Duarte, bolsista PIBIARTES, apresentou na exposição alguns retratos com seus respectivos positivos resultantes destas ações (imagem 1).



Imagem 1 Mathias Duarte, retratos obtidos com câmera lambe-lambe, revelação química em preto e branco, 2022/2023.

Giullia Lagrotta (imagem 2) apresentou suas produções em parceria com Arthur Sant'Anna, na quais puderam realizar um conjunto de experimentações das possibilidades que a cianotipia oferece, desde o uso do fotograma com variações dos objetos utilizados – explorando a areia para dar forma às suas ideias – até a revelação a partir de negativos.



Imagem 2 Giulia Lagrotta e Arthur Sant'Anna, revelações em cianotipia, 2023.

AnaVi (imagem 3) trabalhou em “Uma exploração visual na ancestralidade” trazendo imagens do Nzo Awziidi Junsara, terreiro de candomblé de nação Congo-angola fundado por Maria Bernadete dos Santos, conforme a artista: “As fotos retratam a ambientação do local, buscando capturar a essência do terreiro, concentrando-se não apenas em seu espaço físico, mas também nas pessoas que o compõem”.



Revelação em
cianotipia, 2023

Fotograma em
cianotipia, 2023

Imagem 3 “Uma representação da ancestralidade”, AnaVi, revelações em cianotipia, 2023.



Já Beatriz Nascimento (imagem 4) e Martha Valentine (imagem 5) trouxeram imagens de suas infâncias em suas criações. A primeira, revelando imagens que despertam a memória e também fotografando vestidos de sua infância em filmes de raio-x com câmera de grande formato. Já Valentine, realizou sobreposições digitais a partir de um álbum escrito na sua infância, que, segundo a autora, a “releitura do “Álbum da Minha História” representa uma jornada em busca da visão de mundo infantil, permeada pela construção e quebra de sonhos e expectativas que moldaram essa fase da minha vida”. Nestes trabalhos há uma perspectiva de criação a partir de imagens de arquivo e do autobiográfico como fio condutor.



Imagem 4 Beatriz Nascimento, Enquanto eu crescia, captura em filme de raio-x, 2023.



Imagem 5 Martha Valentine, Álbum da minha história, revelação em papel salgado, 2023.



Motivados pelo lugar como norte para a criação dos trabalhos estão Cláudia Góes, Pedro Machado (imagem 6) e Matheus Borges (imagem 7). Cláudia Góes escolheu a casa onde habita com sua família, lugar repleto de memórias e histórias, tendo a transformação como elemento de provocação, a artista-pesquisadora registrou este ambiente e realizou uma experimentação com animação, ao revelar uma sequência de fotografias em cianotipia, para posterior digitalização e elaboração de um GIF. Já Machado, concluinte do curso de design naquele semestre, trouxe uma reflexão pessoal de sua passagem pela Escola de Belas Artes da UFBA. Realizou revelações de imagens em cianotipia e marrom vandyke, depois as digitalizou para fazer montagens digitais.



Imagem 6 À Esquerda, Cláudia Góes, do projeto “Memória de algum lugar”, animação a partir de cianotipias, 2023. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/C4WWcxbguXU?igsh=MXB0c3o2NDMxaTk2dw==>. Acesso em 02 de maio de 2024. À direita, Pedro Machado, Sem título, fotomontagem digital a partir de fotografias revelada em cianótipo e marrom van dyke, 2023.

Matheus Borges em “Desvios Urbanos — Cartografias Performáticas” foi movido pela ação performativa no deslocamento de sua casa até a universidade até que se deparou com obras de requalificação entre Boca do Rio e Pituaçu, na cidade de Salvador. Para o artista, “Essa narrativa, moldada pela experiência cotidiana, ilustra como obras desta magnitude reconfiguram não apenas o ambiente físico, mas também os modos de interação e deslocamento, instigando uma ponderação sobre os efeitos intrínsecos dessas transformações em nosso cotidiano”. Para tanto, suas imagens foram reveladas em cianotipia, digitalizadas e impressas conforme uma estrutura proposta pelo artista, misturando imagens áreas do local.



Imagem 7 Matheus Barros, Desvios Urbanos — Cartografias Performáticas, impressão digital, 2023.

Em “Jardim que estampa”, Teka Ferrer (imagem 8) propôs o desenvolvimento de estampa e aplicação em produtos de moda. Tomando a flora e a memória afetiva do jardim de sua casa, a artista fotografou algumas espécies, para depois realizar montagens digitais e, finalmente, as revelar por meio dos processos fotográficos. A designer realizou simulações das aplicações de tais resultados nos produtos como bolsas, vestidos e calçados.



Imagem 8 Teka Ferrer, Jardim que estampa, Papel salgado e aplicação em *mockup* digital, 2023.



Tendo o seu lugar de origem – Madre de Deus (BA) – como elemento motivador de suas criações, Rafaela Feliciano (imagem 9) escolheu a concha como símbolo para tratar da sua origem, remetendo a um passado e cotidiano que não fazem mais parte de sua rotina. Para a artista “me restam lembranças, principalmente a concha do Peguari, que é um símbolo cultural muito forte na região de Madre de Deus”. Deste modo, foram reveladas em cianotipia, remetendo à cor do mar.

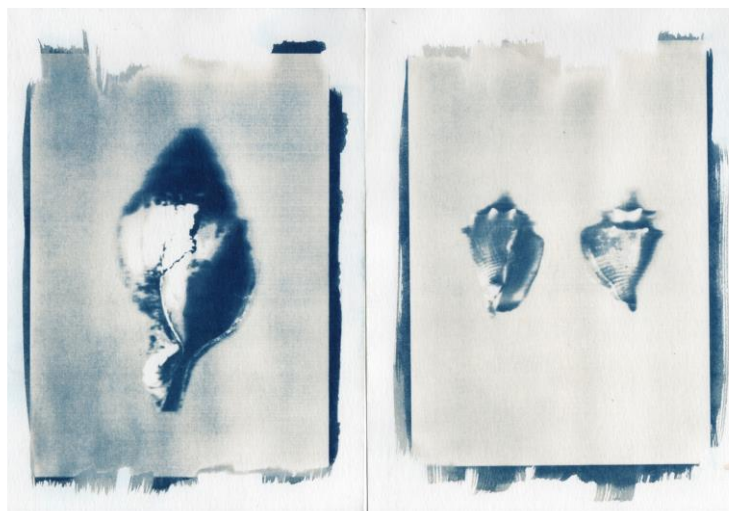


Imagem 9 Rafaela Feliciano, O mar ciano, revelação em cianotipia, 2023.

Por fim, Julia Vilela (imagem 10) apresenta cianotipias que remetem ao trabalho doméstico feminino. A artista apresentou um conjunto de três imagens, sendo duas em papel e uma em tecido que retratam a ação de cortar legumes. Aqui destacamos uma das cianotipias em que há uma intervenção prévia com bordado, conforme aponta a artista, “herança cultural tradicionalmente ligada ao feminino”. Posteriormente foi revelado um fotograma de uma faca, remetendo a este trabalho doméstico amplamente realizado por mulheres cotidianamente.



Imagem 10 Julia Vilela, Herança, revelação em cianotipia sobre papel bordado, 2023.

Considerações Finais

Acreditamos que o processo de realização desta exposição trouxe contribuições relevantes para a formação em nível de graduação dos estudantes envolvidos. A presença e manutenção das práticas laboratoriais da fotografia química em um curso de Artes Visuais amplia o repertório de possibilidades criativas, encorajando que estes artistas-pesquisadores relacionem as técnicas da fotografia digital aos processos de revelação e reflita sobre as suas aplicações. Acreditamos ainda que tais experiências tenham trazido contribuições não apenas no campo da fotografia, mas tendo impacto ao possibilitar relacionar práticas “lentas” ou artesanais às áreas dos seus cursos, desenvolvendo habilidades e o pensamento crítico-reflexivo sobre a diversidade do modos de fazer e a obtenção de resultados distintos, seja nas artes visuais, nas práticas educativas ou no campo do design.

O trânsito entre os processos digitais – com as fotografias selecionadas para serem reveladas, com a utilização de fotomontagens digitais ou mesmo apropriação de imagens aéreas – e os processos analógicos se configuram como um rico espaço de experimentação e de aprendizado. É interessante observar a fluidez entre tais processos e de que modo cada pessoa lançou mão de tais procedimentos quando se fez necessário para alcançar os resultados que pretendiam. Embora tenhamos partido



de técnicas fotográficas em comum para todos os participantes, podemos perceber a diversidade e o modo como as particularidades dos traços pessoais, de acordo com seus interesses naquele momento, se revelam.

Referências

CHAGAS, Renata Voss. **Imagens moventes**: o tempo-movimento e a materialidade da imagem fotográfica na construção de lugares. 2017. 257f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Escola de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia. 2017.

JAMES, Christopher. **The Book of Alternative Photographic Processes**. Third Edition. Boston: Cengage Learning, 2015.

MONFORTE, Luiz Guimarães. **Fotografia Pensante**. São Paulo: SENAC, 1997.

MÜLLER-POHLE, Andrea. Estratégias de Informação. In: **Boletim_3**, Grupo de Estudos Artes&Fotografia. Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Maio de 2009.

POIVERT, Michel; EICHENBERGER, Andrea. A FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA TEM UMA HISTÓRIA?. **Palíndromo**, [S.l.], v. 7, n. 13, p. 134-142, ago. 2015. ISSN 2175-2346. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/5884>>. Acesso em: 30 de abril 2024. doi:<https://doi.org/10.5965/2175234607132015134>.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constança Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SAX, David. **A vingança dos analógicos**: por que os objetos de verdade ainda são importantes. David Sax: tradução Alexandre Matias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

ⁱ Artista visual. Doutora em artes visuais (UFBA). Mestre em artes visuais (UFBA). Professora de fotografia na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Docente no PPGAV-EBA-UFBA e no PROFARTES-UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida, CNPq. Coordena o Programa de Extensão Ciclo de Fotografia e Panorama Belas Artes. Coordenadora do LABIMAGE na EBA/UFBA. renata.voss@ufba.br. <https://orcid.org/0000-0003-3800-5483>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5135632213546695>. Salvador, Bahia, Brasil.